

JORNAL DA CTB



Diário da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

Edição 214 | De 07.07.2018 a 09.07.2018



/Portalctb.org.br



@PortalCTB



@PortalCTB

Presidente Adilson Araújo

SALDOS DO GOLPE

REFORMA PRECARIZOU AS RELAÇÕES TRABALHISTAS

SEMINÁRIO promovido pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público da Câmara Federal na terça-feira (3) para discutir os efeitos da nova legislação trabalhista (Lei 13.467/17, em vigor desde 11 de novembro do ano passado) indicou que nenhuma promessa alardeada pelo governo golpista para justificar a reforma se realizou.

Temer garantiu que a mudança propiciaria a retomada do crescimento econômico, a redução do desemprego e estabilidade jurídica. Mas nada disto ocorreu. A economia continua estagnada. As estatísticas do IBGE revelaram uma queda de 10,9% na produção industrial em maio, em boa medida determinada pela greve dos caminhoneiros.

Quanto ao emprego, dados do Pnad citados pela economista Marilane Teixeira, do Centro de Estudos Sindicais e de Economia

do Trabalho da Unicamp, apontam a existência de 27,7 milhões de trabalhadores subutilizados no primeiro trimestre deste ano, 1,2 milhões a mais do que nos três meses imediatamente anteriores. Do total, cerca de 10 milhões são mulheres negras. Também a insegurança jurídica cresceu.

O resultado mais palpável da reforma do ilegítimo Temer é a crescente precarização das relações entre capital e trabalho com a generalização do trabalho intermitente e a liberação geral da terceirização. Conforme notou a pesquisadora da Unicamp os postos de trabalho gerados desde então são caracterizados pela precarização, informalidade e baixos salários. Estimativas do Diap apresentadas pelo analista político André Santos apontam uma perda média de R\$ 14,00 no salário de cada trabalhador brasileiro. "Pode parecer pouco para a classe média, mas é muito para

quem ganha salário mínimo", ponderou. Para piorar o cenário foram cortadas 70% das verbas destinadas à fiscalização do trabalho análogo à escravidão e trabalho infantil, numa espécie de liberou geral para os escravocratas contemporâneos. Nos últimos três anos o número de resgate de trabalhadores caiu à metade e a quantidade de auditores é a menor em 20 anos. Em resumo, o trabalhador e, principalmente, a trabalhadora saíram no prejuízo. Já o capital ou o capitalista lucra com a depreciação do valor da força de trabalho. A bem da verdade, rebaixar os salários e reduzir direitos dos empregados para ampliar, na outra ponta do processo produtivo, os lucros auferidos pelo patrão foram os reais objetivos da reforma. Isto ajuda a explicar porque o demagogo Michel Temer se transformou no presidente mais impopular da nossa história.

TOQUE DE CLASSE

A burguesia brasileira fede

Foi um tanto quanto patético, ainda que elucidativo, o espetáculo patrocinado pela burguesia industrial brasileira durante reunião com presidentes patrocinada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em Brasília na última quarta-feira (4). Cerca de 2 mil empresários, todos ricos e bem vestidos, sendo a grande maioria brancos, aplaudiram de pé o pré-candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro. Em contrapartida vaiaram Ciro Gomes, em função dos compromissos que o pré-candidato do PDT assumiu com as centrais sindicais e a classe trabalhadora.

A plateia reacionária delirou quando Bolsonaro disse que indicará generais para seu eventual e improvável ministério, chamou o MST de "terrorista" e reclamou de já não poder fazer piadas racistas, numa alusão de que é réu no STF por injúria e incitação ao racismo. Ciro Gomes, por outro lado, foi vaiado ao caracterizar a reforma trabalhista como "uma selvageria" e reiterar o compromisso que assumiu com as centrais sindicais de apresentar um novo projeto sobre o tema, que prometeu debater antes com empresários, trabalhadores e especialistas.

O pedetista tirou de letra, afirmando que "quando se é vaiado defendendo os trabalhadores parece que é um prêmio. Meu lado é o da classe trabalhadora", complementou. Ganhou pontos no meio sindical. Já a identidade dos empresários com o líder da extrema-direita lembra o apoio da grande burguesia alemã à ascensão de Adolf Hitler e do nazismo nos anos 30 do século passado.

Umberto Martins
é jornalista,
escritor e assessor
político da CTB.



SOLIDARIEDADE À LUTA DOS SERVIDORES DA UNICAMP

A CTB divulgou nota de apoio à categoria, em greve há mais de 40 dias. Leia abaixo:

PORTAL CTB
imprensa@portalctb.org.br

A CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil) manifesta sua solidariedade à luta dos servidores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que no momento pedem a reabertura imediata das negociações com a reitoria da instituição. Liderados pelo Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, os servidores estão parados há 40 dias reivindicando reajuste salarial de 12,6%, reposição do quadro de funcionários através de concurso público, novo Plano de Carreira e correção do valor do vale alimentação.

Em reunião realizada no



dia 3 de julho, a reitoria da universidade, representada pelo chefe de gabinete adjunto, Joaquim Bustorff, recebeu uma comissão de trabalhadores, mas não apresentou contraproposta. Após a comissão apresentar uma nova proposta, Bustorff suspendeu a reunião para levá-la ao reitor. Mais de uma hora depois, retornou e encerrou unilateralmente as negociações sem nenhum avanço.

A intransigência não é boa conselheira e em nada contribuirá para superar o impasse entre servidores e reitoria. Num momento adverso para a universidade pública, golpeada pela ofensiva neoliberal, o diálogo é o caminho mais adequado e eficaz para a solução das contradições e conflitos no interior da Unicamp.

São Paulo, 5 de julho de 2018
Divanilton Pereira, presidente em exercício da CTB



Patronal não quer debater reivindicações trabalhistas

NA MANHÃ desta quinta (5) ocorreu a quarta reunião de negociação da Convenção Coletiva entre o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Caxias do Sul e região e o sindicato patronal (SIMECS). Os empresários colocaram na mesa a pauta patronal e resistiram em debater as reivindicações dos trabalhadores. "Encontramos muita resistência

dos patrões. Mas, o trabalhador e a trabalhadora podem ter certeza que não vamos ficar sem as cláusulas sociais e aumento real", avaliou Claudécir Monsani, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. O reajuste proposto pelo Sindicato dos Metalúrgicos é de 7%. Monsani acredita que o índice reivindicado é justo devido ao custo de vida da região da serra gaúcha.

Comerciários do Rio presididos por uma mulher



DESDE o início do mês de junho, quando o presidente Márcio Ayer foi licenciado para poder se dedicar à sua pré-candidatura, a vice Alexandra Nogueira assumiu interinamente e se tornou a primeira presidenta em 110 anos de história do Sindicato. Natural da Paraíba, Sandra é empacotadora do Guanabara há sete anos e se destaca entre os diretores do Sindicato pelo bom trabalho junto à base.